

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

# **Infância Sob Fios:. As Crianças E As Linhas De Transmissão Em São. Luís.**

Emilene Leite de Sousa.

Cita:

Emilene Leite de Sousa (2009). *Infância Sob Fios:. As Crianças E As Linhas De Transmissão Em São. Luís.* XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/1829>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

# **Infância Sob Fios: As Crianças E As Linhas De Transmissão Em São Luís**

**Emilene Leite de Sousa**  
**Universidade Federal do Maranhão.**  
*emilenesousa@yahoo.com.br*

## **Os fios condutores da Pesquisa**

Este estudo se realizou no âmbito de uma pesquisa maior desenvolvida pelo Grupo de Estudos Rurais e Urbanos (GERUR)<sup>1</sup> da Universidade Federal do Maranhão, entre os anos de 2005 e 2006 e financiada pelas Centrais Elétricas do Norte do Brasil (Eletronorte).

O objetivo que norteou esta proposta de pesquisa foi identificar e analisar as representações das crianças que residem, brincam ou trafegam freqüentemente nas localidades próximas às linhas de transmissão da Eletronorte, em relação a esses equipamentos, aos demais moradores e aos técnicos. Assim pudemos desvendar como se caracterizam as relações decorrentes de sua proximidade com os equipamentos utilizados pela Eletronorte para transmissão de energia elétrica.

Esta pesquisa inspirou-se metodologicamente na proposta de Geertz (1989) em fazer etnografia que consiste no esforço intelectual do pesquisador em produzir uma descrição densa dos vários aspectos da situação tomada para objeto de estudo. Descrever densamente é a capacidade de seguir uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais o objeto de estudo é passível de interpretação e sentido.

Para tanto, optamos pelo uso da observação direta e do quadro conceitual da antropologia como guias teórico-metodológicos desta pesquisa. A antropologia é uma ciência que não tem suas técnicas predeterminadas rigidamente. Por isso mesmo, é necessário escolhê-las a cada vez, conforme as características e natureza dos problemas, construídos abstratamente pelo pesquisador, e que conformam o próprio objeto de estudo.

---

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa intitulado “Estudo Sócio-Antropológico sobre a Presença de Comunidades em Faixas de Servidão de Linhas de Transmissão da Eletronorte em São Luís”, vinculado ao GERUR, coordenado pela professora Maristela de Paula Andrade.

Neste caso, na tentativa de apreender representações e práticas, as conversas informais com as crianças e a observação direta são essenciais, pois nos permitem associar o olhar e o ouvir, estes dois atos cognitivos que compõem o trabalho do antropólogo (OLIVEIRA, 2000) e, assim, entender os três níveis que compõem a vida cotidiana destas pessoas: o que dizem (discurso), o que fazem (ação), e o que pensam (representação) sobre o que fazem (MALINOWSKI, 1978).

É neste sentido que Malinowski, em sua construção dos “imponderáveis da vida real”, afirma que para dar conta dessas representações é preciso considerar os três níveis de observação em campo: o nível das normas, isto é, o que é normatizado, passível de ser colocado em quadros sinóticos; os imponderáveis da vida real, ou seja, como os atores agem na vida real, como manipulam a norma; e como interpretam o que dizem e o que fazem.

Os dados foram então coletados a partir das seguintes técnicas: reconhecimento das áreas, conversas informais, observação direta, registro fotográfico, anotações em diários e cadernos de campo, e análise de desenhos das crianças.

A observação em campo foi fundamental dentre estas várias técnicas de coleta de dados, com base nas quais construímos uma etnografia de como as crianças vivem sob ou nas proximidades das linhas de transmissão da Eletronorte, permitindo-nos apreender como pensam e expressam o seu cotidiano, assim como de que modo se relacionam e fazem uso dos equipamentos presentes nessas localidades.

### **Infância sob fios**

No intuito de apreender o ponto vista das crianças a respeito dos equipamentos que estão situados próximos de suas casas e que fazem parte de sua rotina, optamos pelas conversas informais estabelecidas com elas nos arredores de suas casas e nas escolas da localidade.

As representações apreendidas nos surpreenderam desde nossas primeiras conversas com as crianças, antes mesmo de lhes dirigirmos nossa atenção e de tomá-las como sujeitos da pesquisa. Por essa época, falávamos com os adultos e elas nos interrompiam com suas opiniões, mostrando possuírem idéias próprias e bastante criativas, em relação às torres e às linhas de transmissão.

Numa das primeiras visitas que fizemos a campo, ainda para reconhecimento do local, paramos próximo às torres, onde estava também colocada uma série de casas, cujas torres estavam dispostas em seus quintais. Em uma das conversas que tivemos com uma moradora de lá, falávamos a respeito da torre quando fomos interrompidos por sua neta J., de cinco anos, que opinou a respeito da mesma, dando origem ao diálogo transcrito abaixo:

**Pesquisador:** Dona I. e quanto a esta torre, a senhora acha ...

**J.:** eu acho linda!

**Pesquisador:** você acha bonita?

**J.:** é bonita! (e respondeu ainda mais eufórica).

**Pesquisador:** e para que serve?

**J.:** pra coisar energia, pra botar energia, pra faltar energia, pra brincar, pra trepar...

As respostas de J. apontavam-nos novos caminhos. Até então, não havíamos pensado na participação das crianças nessas conversas nem esperávamos um contato e uma intimidade tão grande delas com os equipamentos utilizados pela Eletronorte, conforme se revelava no discurso de J. Esta intimidade era denunciada de um modo cada vez mais forte enquanto continuávamos a conversa:

**Pesquisador:** você sobe na torre?

**J.:** eu subo. Eu sei subir sozinha (responde com orgulho)

Outras representações, bastante distintas, continuavam sendo descobertas a cada nova visita a campo. Numa tarde, encontramos um grupo de crianças brincando à sombra de algumas árvores e, sentando-nos entre elas, em bancos de cimentos colocados no meio do caminho, começamos a questioná-las sobre as torres e suas linhas. Apontando uma das torres, à distancia de onde estávamos, perguntamos:

**Pesquisador:** O que é aquilo?

**Crianças:** uma torre.

**Pesquisador:** para que serve?

**Crianças:** para botar a rede.

**Pesquisador:** rede? Que rede?

**Crianças:** rede de energia.

Assim, enquanto demonstrávamos pouco conhecimento do assunto, as crianças exibiam o conhecimento que tinham sobre os equipamentos, mostrando saber exatamente qual é a função da torre. Entretanto, isto não as impede de utilizá-la para fins próprios que extrapolam aqueles da Eletronorte, como demonstra a intervenção particular do menino N., de seis anos, na nossa conversa:

**N.:** A gente gosta de subir na torre.

**Pesquisador:** vocês gostam?

**N.:** tem vez que a gente vai até o último.

**Pesquisador:** e por que subir na torre?

**N.:** porque é bom.

**Pesquisador:** bom para quê?

**N.:** pra brincar (responde com entonação de obviedade na voz).

**D.:** Quando chove a gente desce porque tem medo do trovão.

Mas **C.** de sete anos complementa:

**C.:** Quando chove fica mais legal porque escorrega.

Estas conversas foram nos fornecendo subsídios para compreender o ponto de vista das crianças e para o reconhecimento delas enquanto importantes atores na localidade, cujas relações estabelecidas com os equipamentos diferem, em muito, daquelas estabelecidas pelos adultos. Tanto as crianças quanto os adultos possuem representações as mais diversas desses equipamentos e, conseqüentemente, as apropriações destes também são particulares.

Não podemos esquecer que o olhar que lançamos sobre nossa realidade é moldado, em geral, pela posição que ocupamos nela. Por isso é tão comum que representações e práticas das pessoas de uma mesma cultura e sociedade, variem de acordo com sua idade, sexo ou outros aspectos da vida social.

Como o olhar, o discurso também varia em função de para quem falam e da situação em que falam. Variam ainda em relação à interação que estabelecem com o pesquisador (BERREMAN, 1998). Não sendo fixas em nenhum dos sentidos.

Nas localidades pesquisadas deparamo-nos com utilizações dos equipamentos que se diferenciavam a partir de categorias socialmente construídas (crianças, jovens, adultos). Para além de serem categorias socialmente construídas, estas foram arbitrariamente constituídas pelos pesquisadores.

Retornando aos depoimentos percebemos que todos afirmam que os equipamentos servem pra “botar” energia, conduzir energia, discurso este que coincide com o intuito do fabricante. Neste sentido, não há ignorância sobre os equipamentos, só que os moradores se apropriam deles, incorporando-os em seu cotidiano – pendurando roupas e carnes, brincando.

Isto justifica o fato das crianças pensarem as torres a partir de suas visões de mundo, atribuindo a elas a utilidade de um brinquedo e dando-lhes funções totalmente independentes das reais funções do objeto.

Nas conversas com as crianças, quando as questionávamos sobre as torres, demonstravam ter delas uma representação lúdica, como se fossem mais um de seus brinquedos. Percebe-se no discurso das crianças a euforia de ter no quintal de sua casa um brinquedo a mais para a diversão.

É fato que as crianças, muitas vezes, repetem o que ouvem dos adultos, isto está explícito no próprio processo de aprendizagem da língua, que se dá pela repetição. Assim, percebemos que as disparidades a respeito da serventia dos equipamentos, de sua propriedade e manutenção, se confundem no discurso das crianças tanto quanto no discurso dos adultos. Vejamos a transcrição de um diálogo estabelecido com os alunos do quinto ano do ensino fundamental:

**Pesquisador:** Para que servem essas torres?

Embora alguns compreendam que a função da torre é transmitir energia, o desconhecimento do processo divide opiniões. Alguns acham que a energia das torres de alta tensão é direcionada imediatamente às casas sem intermediários. Outros entendem que a ligação que existe está entre as

torres e os postes da Cemar (Companhia Energética do Maranhão) e dos postes para as casas locais.

**R.:** serve para ligar a geladeira....

**I.:** Na minha torre não tem energia, não!

**J.:** Não tem energia não, e eu vou botar a tomada da televisão na torre, é?

**R.:** Tem energia. Quando ela tiver puxando energia se tocar leva choque.

**I.:** Eles dão choque só em cima.

**L.:** Não é assim, não é assim, ela bota energia no poste e do poste vai para a casa.

**I.:** Que casa?

**L.:** A casa da gente, de todo mundo.

**V.:** A torre bota energia na casa da gente.

**L.:** Não, primeiro vai pro poste e depois pra casa.

Respostas semelhantes foram dadas pelas crianças do quarto ano:

**Crianças:** Serve para passar a energia pras casas, pra dar luz, pra geladeira, TV, DVD, máquina...

**Crianças:** a gente gosta da torre por que fica brincando, a gente sobe.

Há ainda aqueles que acreditam que as torres não possuem energia. Esta afirmação é bastante representativa, pois ela aparece como explicação para a utilização das torres como brinquedo. Assim, a intimidade e o destemor diante dos equipamentos podem estar associados à convicção da não existência de energia em algumas destas torres.

Esta idéia também aparece na voz de um adulto, que, sendo indagada a respeito das brincadeiras das crianças nas torres, nos disse que elas subiam apenas naquelas torres que não possuíam placas com a indicação PERIGO, como se estas placas fossem o indicador maior da existência de riscos. Assim, aquelas torres cujas placas estariam ausentes não forneceria risco às crianças que nelas subissem.

Observamos o uso de substantivos de posse para pensar os equipamentos que passam a ser descritos por eles como a “minha torre” ou a “torre de fulano”. Isto se torna ainda mais evidente quando perguntamos quantas e quais são as torres que existem no local e eles passam a descrever as torres, uma a uma, a partir de suas referências cotidianas:

**Crianças (4ª série):** Tem uma perto de Isabel macumbeira, tem uma perto da draga, tem uma perto da linha do trem dos Carajás e tem uma perto do campo.

**Crianças (3ª série):** Fica perto da linha do trem, da pista, perto do centro, perto do campo e perto da casa do M.

Percebamos como as torres passam a servir de norte para residências do local, além de tomar como referência para elas mesmas aspectos geográficos. As torres são sinalizadores geográficos, demarcando o espaço físico.

Outro aspecto evidenciado nas conversas com as crianças diz respeito à falta de informações no que se refere à posse das torres. Pensamos em perguntar sobre a posse das torres, ou a quem elas pertencem, depois de ouvirmos afirmações como as descritas acima que atribuíam a torre às pessoas da localidade. Diante disso passamos a indagar:

**Pesquisador:** De quem são as torres?

Respostas dos alunos da 4ª série:

**Criança N.:** de quem?

**Pesquisador:** é. Quem são os donos das torres?

**Criança N.:** ninguém sabe de quem são. É um mistério.

**Pesquisador:** ninguém sabe?

**Criança B.:** não. Porque quando a gente chegou elas já tavam aqui. Faz tempo que elas estão aqui. Antes de nós.

**Criança T.:** eu acho que é do povo do bairro.

**Criança L.:** a propriedade é dos Carajás, antes do povo morar eles aceitaram aí a torre ficou.

Respostas dos alunos da 3ª série:

**Criança F.:** As torres são da VALE.

**Criança V.:** são da Cemar.

**Criança Z.:** é do LULA.

**Criança G.:** do Tadeu Palácio.

**Criança L.:** do governador.

**Criança H.:** dos técnicos.

Destacamos então a idéia de “mistério”. O que eles não controlam recai numa esfera inalcançável de “mistério”. Frequentemente fazem uso do termo “eles” para referirem-se aos técnicos como se não representassem uma empresa e a propriedade dos equipamentos fosse deles mesmos.

Notemos que quando perguntamos a quem pertenciam as torres, as crianças se referiam às autoridades como o presidente da república e o governador do estado, a uma grande empresa mineradora – Companhia Vale do Rio Doce - e à Cemar. São alguns desses, justamente, os agentes oficiais com os quais o grupo tem ou teve algum contato.

A confusão feita entre a Eletronorte e a Cemar é compreensível, pois a primeira é responsável pela transmissão de energia e a segunda procede ao fornecimento aos domicílios. Assim, as duas tendem a ser confundidas não só pelas crianças como pelos adultos.

A notória confusão entre Eletronorte e Cemar resulta num desconhecimento, por parte das crianças, dos técnicos que assumem a manutenção das linhas de transmissão. Vejamos as respostas dadas pelas crianças quando perguntamos quem eram os responsáveis pela manutenção das torres:

**Pesquisador:** Quem cuida das torres?

**Criança M.:** o prefeito, a Cemar.

**Criança F.:** o eletricista.

**Criança D.:** a Cemar ajeita lá.

**Criança P.:** nós.

Não observamos, nas conversas com os adultos, confusão no que se refere à posse das torres – todos dizem que pertencem a Eletronorte – e a manutenção destas que sabem ser feitas por técnicos da empresa.

Durante nossas conversas há um tema que aparece como transversal, por estar imerso, vez por outra, no discurso de adultos e crianças. Este tema diz respeito aos riscos, medos e perigos que envolvem os moradores destas localidades e os equipamentos da Eletronorte.

Diversas vezes nos deparamos com depoimentos das crianças que traduziam estes contatos com as torres e as linhas em geral como “perigoso”. Quando tratamos de riscos, medos e perigos aparecem frases como as citadas abaixo:

**Criança D.:** Tem vez que pega fogo, corre o perigo de cair.

**Criança I.:** é perigoso, não pode ficar perto dela não.

**Criança S.:** o gato sobe e fica mexendo nos fios, é arriscado.

**Criança T.:** pode dar choque sabia?

No entanto, estas informações ganham maior intensidade e convicção quando passam a acrescentar o elemento da sazonalidade, sempre que se fala de riscos e perigos decorrentes do contato com esses equipamentos, imediatamente passam a falar dos perigos de inverno. Assim, o período chuvoso prevalece em todas as afirmações como tempo perigoso, quando se pode sofrer choques se estiverem em contato com a torre.

**Criança R.:** No inverno é mais perigoso.

**Criança E.:** quando tá chovendo, se pegar na torre pega choque.

**Criança O.:** só no inverno pega choque.

O elemento da sazonalidade está presente tanto no discurso das crianças como no dos adultos. Talvez essas afirmações sejam mesmo de autoria dos adultos, reproduzidas imitativamente pelas crianças. Todavia, não podemos deixar de considerar o conhecimento empírico das crianças, construído tal qual o dos adultos, a partir da vivência e observação cotidiana destes equipamentos nas diferentes estações. Quando chove, as crianças percebem o ruído mais intenso dos fios, vêem sair faíscas, vêem os relâmpagos, ouvem histórias de choques. Logo, trabalham com dados de sua experiência, de sua prática, associando a época das chuvas ao perigo em relação aos equipamentos.

Apesar das crianças demonstrarem medo da proximidade com as torres quando está chovendo, surge no meio dos relatos um contraponto, quando a chuva é concebida como perigosa, mas, ao mesmo tempo, caracteriza as torres como boas para brincadeiras.

Nesse discurso se percebe uma preocupação com as chuvas e não propriamente com o perigo da torres ou com a linha de transmissão.

**Criança D.:** quando chove a gente desce por que tem medo de trovão.

**Criança C.:** quando chove fica mais legal porque escorrega.

As crianças não parecem ver nas torres perigos que lhe sejam inerentes, a não ser quando somados a elementos como a chuva. Assim, se a torre não representa para elas perigo, em si mesmas, e são “boas para serem pensadas” (LÉVI-STRAUSS, 1998), passam a representar um bom instrumento para a diversão infantil tornando-se “boas para serem usadas” para os mais diversos fins, inclusive para a brincadeira.

Lévi-Strauss chamou a atenção para o fato de que o funcionalismo malinowskiano vê sempre a “utilidade” das coisas, sendo marcado por uma visão utilitarista e/ou funcionalista da cultura. Ao contrário de Malinowski, Lévi-Strauss inverte os termos: as torres são boas pra serem pensadas, ou seja, tem a ver com organização do pensamento, com sistemas cognitivos, classificatórios e de conhecimento e por isso elas passam a ter uma utilidade, servem para pendurar varais, para brincar dentre outras funções.

Logo, para que crianças e adultos utilizem-se das torres como brinquedo ou varal é necessário que as torres sejam concebidas como passíveis desta utilização. Se elas são boas para serem pensadas, tornam-se boas para serem usadas. Nos termos de Lévi-Strauss, quando analisava a ordenação e classificação das coisas como essência da cultura, “elas não são conhecidas porque são úteis; elas são consideradas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas” (LÉVI-STRAUSS, 1998; p. 25).

## Referências Bibliográficas

BERREMAN, G. Etnografia e controle de impressões numa aldeia dos Himalaia. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar. (Org.) **Desvendando Máscaras Sociais**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1998.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Aplicada, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento Selvagem. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. “Introdução: Tema, método e objetivo desta pesquisa”. In: **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Coleção Os Pensadores).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp; Paralelo 15, 2000.